O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 458

11 DE SETEMBRO DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

JOSE MARIA LATINO COELHO — FALLECIDO EM CINTRA NO DIA 29 DE AGOSTO DE 1891

(De photographia de Camacho)

CHRONICA OCCIDENTAL

O acontecimento capital d'estes ultimos dias foi a inauguração do caminho de ferro da Beira Baixa, e a ida de suas magestades el rei D. Carlos e a rainha D. Amelia a Castello Branco e á Covilhã, a assistirem á inauguração da nova linha, agora aberta á exploração, e que abrange uma extensão de 165 kilometros, de Abrantes á Covilhã.

Esta nova linha cuja importancia é absolutamente escusado encarecer e que ha muitos annos era desejada e pedida pelos povos da Beira, começou os trabalhos no perto de 6 annos, em outubro de 1885, por conta d'um grupo de capitalistas portuenses, que tomaram por contracto a empreitada, contracto que em abril d'este anno a Companhia Real rescindiu de mutuo accordo, tomando a seu cargo a conclusão das obras, conclusão que foi feita com grande actividade.

A linha da Beira Baixa parte da estação de Abrantes seguindo para nordeste a ligar na Guarda com a Beira Alta, depois de 212 kilometros de percurso.

E' das linhas mais pittorescas da nossa rede de vias ferreas, segundo nos affirmam, a linha da Beira Baixa.

A' sahida de Abrantes a via toma a esquerda para a margem do Tejo, e atravessa-o sobre uma grande ponte metallica de 442 metros d'extensão.

A primeira estação em seguida a Abrantes é Alferrarede.

Sahido d'essa estação a linha atravessa em pequenas pontes de 20 metros cada, as ribeiras de Alferrarede, Vigo, Sarrageiros e Figueira, e a ribeira Fria por uma ponte de 50 metros e entra de novo no Valle do Tejo.

A segunda estação é a de Alvega Ortiga, onde ha o maior patamar da linha.

Para lá d'Alvega o horisonte começa a apertar e o comboyo caminha quasi sempre entre altas montanhas, até á estação de Belver.

Passada esta estação a linha atravessa dois viaductos—o de Cannoas e o de Covo, uma ponte, a de Corrido de Frias, dois tuneis, e mais uns viaductos sobre as ribeiras do Peral e de Carinhos, até a estação da Barca de Amieira.

A linha segue sempre pela margem do Tejo, na sua mais apertada garganta até ás portas de Rodam.

D'ahi por deante a linha é cheia de accidentes, ha muita difficuldade brilhantemente vencida, muito panorama deveras encantador até Castello Branco.

N'esse troço de linha ha de importante o magestoso viaducto de S. Pedro, de 160 metros de extensão e a mais de 50 metros de altura do fundo valle, viaducto que é uma verdadeira obra de arte.

A linha vae subindo sensivelmente, até 389 metros acima do mar, em Castello Branco.

De Castello Branco á Covilhã ha o tunnel da serra de Gardenha, tunnel em rampa, no fim do qual se attinge a maior altura da linha da Beira Baixa, 540 metros.

O panorama da serra da Estrella visto da linha ferrea é maravilhoso dizem-nos, e maravilhoso tambem o do encantador Valle do Zezere.

As estações até agora abertas na linha da Beira são vinte a partir de Abrantes, é claro.

*
* *

Como já dissemos El-Rei e a Rainha dignaram-se assistir á inauguração da linha da Beira, accedendo assim ao pedido que, com muito empenho, lhes foi feito pelas commissões que da Covilhã e de Castello Branco vieram a Lisboa sollicitar a presença dos soberanos n'aquella festa. S. S. M. M. accederam a esse pedido e decerto não se arrependeram d'isso porque fizeram um lindissimo passeio, e porque receberam em toda a sua viagem as mais ruidosas, enthusiasticas e expontaneas demonstrações de respeito, de sympathia, de carinho.

Suas Magestades partiram de Lisboa no sabbado ás 9 horas da manhã acompanhadas pelo sr. ministro da Fazenda e das Obras Publicas, e por muitos jornalistas convidados para assistir á inauguração.

A viagem de Lisboa a Castello Branco foi perfeitamente uma viagem festiva e triumphal.

Todas as estações da nova linha estavam em gala, ornadas com flores e bandeiras e em todas ellas era enorme a multidão que esperava o comboyo real, e indiscriptivel o enthusiasmo com que os augustos viajantes foram victoriados.

Em Castello Branco a ornamentação da gare e da cidade era deslumbrante de riqueza, de luxo, d'elegancia.

Suas Magestades receberam na estação todas as pessoas que queriam cumprimental-as, e a affabilidade d'El-Rei e da Rainha encantaram toda a gente, grangearam lhes immediatamente as sympathias mais enthusiasticas.

Os augustos viajantes alojaram-se no palacio do governo civil que para esse fim fora ricamente ornamentado.

O cortejo a custo passou pelas ruas da cidade tão grande e compacta era a multidão que se agglomerava para ver os regios visitantes.

Na Sé houve *Te Deum* e a familia real foi vivamente acclamada pelo povo.

Depois do *Te Deum* houve jantar de gala a que assistiram as pessoas mais gradas da terra.

El-Rei fez um brinde eloquente á população de Castello Branco agradecendo commovido as demonstrações de sympathia e de affecto que acabava de receber, brinde a que respondeu o presidente da camara municipal.

Findo o jantar, ás dez horas da noite, El-Rei e a Rainha andaram passeando a pé, pelas ruas em festa, conversando com os homens e as mulheres do povo, assistindo aos seus bailes e descantes, vendo as illuminações, que eram d'um effeito deslumbrante.

No domingo de manhã Suas Magestades visitaram o asylo, o hospital, o quartel e depois voltaram ao paço, onde foi servido um almoço de 100 talheres, almoço a que assistiram todos os jornalistas de Lisboa por convite de Suas Magestades.

O par do Reino o sr. Vaz Preto, um dos mais ricos proprietarios de Castello Branco, offereceu a S. M. a Rainha um magnifico cavallo, o melhor da sua caudelaria.

Depois do almoço procedeu-se á benção da locomotiva pelo reverendo Bispo, partindo em seguida a familia real e toda a sua comitiva para a Covilhã onde chegaram ás 5 horas da tarde.

A recepção não foi ahi menos enthusiastica que em Castello Branco. As ruas estavam enfeitadas com grande riqueza.

Apenas chegou a familia real assistiu ao *Te Deum*, e dirigiu-se para a camara municipal onde El-Rei e a Rainha entraram debaixo do palio e onde deram recepção solemne.

Na Covilhã Suas Magestades alojaram-se no palacio do Refugio.

Da camara para o paço pode dizer-se que o Rei e a Rainha caminharam sempre sob uma verdadeira e permanente chuva de flores.

A' noite houve brilhantes illuminações, fogo de vistas, e uma marcha *aux flambeaux* que produziu um extraordinario effeito.

Era tambem maravilhoso, dizem-n'o todos, o effeito do foco de luz electrica illuminando o valle do Zezere, e a serra da Estrella.

Na segunda feira de manhã Suas Magestades acompanhadas pelo seu sequito e pelos representantes da imprensa visitaram as fabricas dos srs. Mendes, Veiga, Campos Mello, e Alçada.

A Rainha viu com muito attenção os artefactos portuguezes e pediu amostras de muitos tecidos. El-Rei escreveu nos livros de todas as fabricas palavras muito elogiosas para a industria da Covilhã.

Em todas as fabricas os regios visitantes foram enthusiasticamente victoriados.

Em seguida procedeu-se a inauguração das obras do hospital de Santo Antonio, lançando El-Rei a primeira pedra e dando um conto de reis de esmola para o hospital, que ficará chamando-se *Hospital da Rainha D. Amelia*.

Suas Magestades partiram da Covilhã á meia noite de segunda feira 7, e chegaram a Lisboa á estação central do Rocio, que n'esse dia se inaugurou solemnemente ás 11 horas e vinte minutos da manhã.

A viagem foi uma constante festa, uma permanente acclamação, e verdadeira festa e enthusiastica acclamação esperavam tambem Suas Magestades na gare de Lisboa, onde uma multidão enorme, em que se viam representadas todas as classes, aguardava os reaes viajantes e lhes fez uma recepção brilhantissima, uma imponente manifestação de sympathia e de estima.

E assim terminou esta rapida viagem, que nunca mais se apagará da memoria dos povos da Beira, que nunca mais se apagará do coração do Rei D. Carlos e da Rainha D. Amelia, que n'ella tiveram uma prova eloquentissima do quanto são estimados e queridos pelo paiz.

*
* *

E agora a fechar a chronica duas noticias tristes, as noticias do desapparecimento do numero dos vivos de duas personalidades, que por muito tempo estiveram em evidencia e foram muito falladas, em meios completamente differentes — o general Sá Carneiro e a actriz Carlota Talassi.

Actriz e general ambos tiveram em tempo notariedade, e ambos estavam já retirados da vida activa, Sá Carneiro ha pouco mais d'um anno, apesar da sua avançada idade, Talassi ha muitos annos já, ha tantos que nós, quando começámos a andar pelas caixas de theatros, ha mais de vinte, já lá a não encontrámos.

O general Sá Carneiro era um valente militar, muito energico, muito disciplinador, exerceu altos cargos no exercito, importantes commissões.

Dos seus meritos como militar não sabemos fallar porque d'isso nada entendemos, das suas qualidades como homem, nada podemos dizer porque nunca lhe fallámos, o que sabemos é que era um dos mais celebrados nomes do nosso exercito e que foi muito fallado e muito discutido, o que nem a todos é dado.

O Occidente occupar-se-ha d'elle mais detidamente em artigo especial, assim como da fallecida actriz Talassi que deixa tambem na historia do nosso theatro fama notoria e que era uma das estrellas da constellação artistica de que fizeram parte a Soller, o Epyphanio, o Sargedas, constellação que, repetimos, ia já no seu occaso quando nós principiamos a frequentar o theatro.

Gervasio Lobato

LATINO COELHO

Quando morre um homem da estatura moral de Latino Coelho, sente-se como que uma impressão dolorosa de vasio que vem esfriar-nos o peito. Aqui lhe abrimos a habitação e nenhum outro virá soprar as cinzas frias d'esse lar. Mais um morreu d'essa geração d'homens fortes, que, ai de nós! tão mal vai sendo substituida. Só temos lagrimas para chorar, só nos resta a consciencia da nossa fraqueza; mas essa consciencia ainda é uma força: possamos nós um dia aproveital-a.

Em torno dos grandes espiritos parece existir uma atmosphera subtilissima, que está para elles como o perfume para a planta. A alma sente-se inebriada, atrahida, deliciosamente presa. Adivinha-se o grande homem ainda antes que fale, por intuição, por sugestão talvez, por uma faculdade mysteriosa, por uma sensação de mysticismo, que só falta aos que attentos na estrada ao estrume que vão colhendo, caminham indifferentes á paisagem desenrolando-se explendida e luminosa. Latino Coelho exercia como poucos essa atracção. N'um só quarto d'hora, fosse o assumpto qual fosse, scientifico ou litterario, interessante ou vulgar, Latino captiváva os ouvintes, infundindo lhe n'alma um sentimento raro, mixto de admiração, de respeito e de ternura.

E' porque ao mesmo tempo que o erudito, o homem de sciencia, o poeta se revelava, transpareciam em suas frases o caracter immaculado, a virtude forte, e uma graça quasi femenina.

Latino Coelho não era um escriptor popular. O povo apenas lhe conhecia o nome, ou algum dos seus artigos. Professor eruditissimo, eximio em varios ramos de sciencia, historiador de primeira ordem e um dos primeiros classicos portuguezes, lapidando as frases fulgurantes como facetas de brilhante, os seus livros, nunca serão lidos pelo vulgo. Para que este se interesse pela obra precisa o escriptor conhece profundamente a alma humana, suas ambições, suas miserias, suas doenças, estudando as na propria alma. Nunca Latino o poderia fazer, porque não era a sua como a dos outros. E tanto melhor para elle.

Elle o disse: — «A minha organisação excentricamente nervosa irrita-se com a perspectiva de longos folios a escrever.» Um excentrico, eis o que era. Não tinha essa excentricidade antipathica, e bastas vezes fingida que serve de desculpa ao egoista e ao falso artista para fugir ás leis sociaes. Não. A excentricidade era naturalissima n'elle, era um desejo ardente de sahir da penumbra e de voar para a luz. Se nunca ha de ser popular deve-o tão sómente a ter sido differente, maior, e sobretudo melhor do que os outros.

Estudava muito, e sabia estudar como poucos. Dotado de memoria prodigiosa e de lucidez de espirito notabilissima, falar com Latino Coelho era o mesmo do que consultar uma vasta, riquissima bibliotheca.

Dizem que S. João nos intervallos de composição do seu apocalypse divertia-se a brincar com uma perdiz; Latino, logo que terminavam as horas do estudo, dava descanço ao espirito, ou conversando em assumptos da mais soez vulgaridade ou lendo livros cuja sciencia parecia não dever interessal-o. D'ahi lhe provinha uma erudição em assumptos variadissimos e que ninguem lhe suppunha. Creio que só uma vez foi aos toiros, mas sabia d'arte tauromachica pelo menos tanto como o Montes. Perguntando-lhe alguem porque se chamaria *neto* o homem que nas corridas levava aos toireiros as ordens do director, explicou que assim lhe chamavam, por que usava esse nome — Netto — o primeiro que, em tempos de D. João V, havia desempenhado esse logar. E contou onde, por mero acaso, o havia lido uma vez. As mais insignificantes particularidades assim ficavam n'aquella memoria assombrosa.

Quasi sempre, logo que findava o trabalho, sahia a passeiar. Acompanhava o invariavelmente seu irmão, Francisco Xavier, e quasi sempre um pequenino, seu protegido. O passeio favorito era em Cintra a estrada da Estephania. Muito alegre, contava anedoctas, e ria, cheio de gosto, ouvindo-as a um dos seus melhores amigos. possuidor como poucos da genuina e boa graça portugueza. o sr. Domingos Grillo, recebedor em Cintra.

Um corpo muito pequenino, franzino. Uma cabeça relativamente enorme. Seguia pela estrada com passinhos curtos, parando a miude. Sempre muito correctamente vestido, bem penteado, sapatos com fitas de seda. chapeu cuidadosamente posto para não desmanchar a risca, luvas apertadas na mão muito pequenina, braços ligeiramente arqueados para não dar ao fato pregas defeituosas, risonho para todos, por todos affectuosamente cumprimentado, possuia uma graça antiga ao curvar-se attencioso, amavel, com o madrigal á flor dos labios, ante uma senhora que passava.

Poucos haverá tão finamente aristocratas como esse papa branco dos republicanos portuguezes. Por instincto odiava o burguez blasonado. Contando a historia d'aquelle meio minhoto meio brasileiro, elevado a visconde, e que um genealogico trocista tinha entroncado nos Fernandes, os olhos pequeninos de Latino, riam, riam, com uma alegria adoravel de infantilidade.

A santa pureza da sua alma revelava-se em minimos pormenores. Uma lingua sagrada. Nem dos proprios inimigos dizia mal, ou sempre atenuado poralguma frase piedosa, ou calando-lhes o nome.

Era bom e era simples. Não tinha vaidades, não tinha ambições pessoaes. Muito, muito mais, do que o diadema de loiros com que o talento o coroou, vale essa aureola mansa e limpida da virtude.

Amigo soube sel-o, com uma doce e captivante sensibilidade. Poucos lh'o pagariam; nenhum lh'o póde já pagar.

João da Camara.

LATINO COELHO

Se tivesses baqueado, aos echos da batalha,
Vendo egual decisão nos bravos da fileira!...
Se, ao beijares o pó, tivesses por mortalha
A bandeira da patria — a que já foi bandeira!...

Se aqui, onde nasceste, e onde rebenta a flor
Nos impervios da serra, á luz do sol radiante,
Podesses contemplar um iris salvador,
Ao voltar para o ceu a pupilla expirante!...

Feliz, feliz de ti! Felizes nós tambem!
Que unir, no extremo alento, a bocca aos labios pulchros
Da mãe que nos creou, da patria — a santa mãe,
E' ver o sol da aurora á beira dos sepulchros!

Eu, tão chegado á morte — eterna companheira!
Espero que, ámanhã, no mundo sideral,
Aquelles que adorei durante a vida inteira,
Os tenha em seu regaço essa amante ideal!

....

Desde o primeiro alvor dos dias juvenis,
Com o teu coração em torrentes de luz,
Sem treguas procuraste honrar o teu paiz...
Para o veres pregado aos braços d'uma cruz!

Para veres alguns, na torpe covardia,
Diffamal-o na praça e praças do estrangeiro!...
Depois de labutar com tanta valentia
Deveu de ser-te amargo o trago derradeiro!

Compleição singular! Debil como um infante,
Na cortez fidalguia extremamente affavel;
Mas, ao vibrar, no campo, a espada rutilante,
Ninguem lhe teve mão no pulso formidavel!

Teu corpo era um protesto aos rasgos deslumbrantes
Da tua colossal e nobre intelligencia!
Porque hade fabricar, na terra, taes gigantas
De barro quebradiço, a mão da Providencia?!

Já na infancia o teu genio abria com assombros,
Depois da aurora á noite, o prodigioso estudo!
Que peso de lavor sobre tão frageis hombros!
Porque tu perlustraste e profundaste tudo!

Foi o amor da sciencia o teu primeiro amor!
Quer soltasses a voz na escola, ou parlamento,
Sempre o mesmo saber; e sempre a mesma flor,
No impeccavel dizer do fulgido talento!

Inda, ha pouco, uma vez, na phrase mais polida,
Tu combateste só! As frechas imprevistas
Fizeram descorar. a cada arremettida,
O mais valente e audaz dos teus antagonistas!

....

Sobre a serra de Cintra, e os valles nemorosos
Batia a prumo o sol! Ao ires a enterrar,
Foram dignos de ti os *kiries* magestosos
Dos echos da montanha e das costas do mar!

Eu não te choro a ti, mas choro os que deixaste!
Que noite no teu lar, onde tu refulgias!...
Assim Deus te poupasse, á hora em que acabaste,
A sinistra visão de tantas agonias!

Monte de Caparica — setembro — 2 — 1891.

Bulhão Pato

O BURRO DO SR. ALCAIDE

Obra completamente nacional.

Com todas as qualidades e defeitos da nossa nacionalidade. Superabundam, é claro, as qualidades; por isso, o espirito publico fica lisongeado.

Musica de auctor portuguez, sobre *motivos* portuguezes, proza nacional, de grossas gargalhadas, como só as sabiam dar o nosso antigo capitão-mór. o corregedor, o alcaide. e o meirinho.

Tempos felizes eram esses em que não haviamos problemas sociaes a resolver. Nem os nossos bons avós sabiam o que isso fosse; não se estudava senão latim; o amor era simples, expontaneo; amava-se a mulher pela mulher, não se queria saber se era rica se dava posição ao homem, o que se queria era que fosse bonita, sadia; sobre tudo *sadia*, gordita, corada cabello preto — caracteristico nacional — desembaraçada, dando o seu *tabefe* de vez em quando, e aborrecendo desapiedadamente tudo que não fosse portuguez de lei.

Graça, espirito, iguarias, vinhos, trajos, habitações, meios de locomoção, tudo portuguez, tudo nosso, nada estrangeiro. E' isto, esta nota nacional, a que se reçuma de toda a peça que sob o titulo de *O burro do senhor Alcaide* se representa actualmente no theatro da Avenida.

Cyriaco Cardozo, maestro distincto e um dos nossos mais festejados auctores de musica, foi o que exornou a peça com verdadeiros *bijous* de harmonia.

Gervasio Lobato, o nosso estimado director, apesar de *santo de casa*, tem-se farto de *fazer milagres* em proveito das emprezas que lhe levam as peças. d'este, o mais fecundo dos nossos escriptores dramaticos, limittamos-nos a transcrever o que o sr. Rangel de Lima escreveu no *Portugues* quando se referio á parte que no *Burro do senhor Alcaide* teve o director litterario do OCCIDENTE:

«Gervasio Lobato — um escriptor de talento e graça, o mais espirituoso do theatro comtemporaneo — escreveu a prosa, engendrou a embrulhada, theatrou a peça.»

D. João da Camara cujo poderoso talento não conseguio ainda dominar a sua adoravel modestia, é quem fez os encantadores versos que dão a toda a peça esse tom de melancholia tam peculiar ás nossas populações maritimas.

E' o *pendant* da graça ruidosa, electrica, com que Gervasio sacode violentamente, as nossas plateas, da sua habitual indifferença.

*
* *

Passa-se o primeiro acto em Belem, o segundo na praia de Oeiras, o terceiro e ultimo n'uma estalagem, em Paço d'Arcos.

O *mise-en-scene* faz honra ao nosso actor-ensaiador Augusto Mello, o vestuario é rigorosamente á epocha (fins do seculo XVIII), o scenario muito proprio, principalmente o da vista do segundo acto, representando a margem sul do rio Tejo até á torre do Bugio.

Quanto ao desempenho tem o primeiro logar Valle, no papel do boticario *Maduro*, e depois Lucinda do Carmo, no de sobrinha do boticario, Joaquim Costa no *senhor alcaide*, Cinira Polonio no de *André*, filho do corregedor, Emilia Brazão, no de *D. Mansa* irmã de *Maduro*, Setta, no *Meirinho Faisca*, Florentina Rodriguez, na *Affonsa* creada do boticario, Joaquim Ferreira, no mestre de latim, e outros cujo nome não sabemos.

Vimos pela primeira vez dois artistas que comprehenderam perfeitamente os seus papeis e nos appareceram vestidos e caracterisados no rigor da epocha.

São elles ainda pouco conhecidos do publico que frequenta theatro, mas aqui deixamos os seus nomes: — Julio de Souza, no papel de *pescador*, e Thereza de Carvalho, no de *saloia*.

No segundo acto, um dos mais portuguezes de toda a peça. na scena I, ha um baile de pescadores e saloias. E' encantadora toda a scena.

Vê-se a praia de Oeiras, a *Outra Banda*, a torre do Bugio e o grandioso estuario do Tejo.

A canção é uma das manifestações de verdadeiro sentimento artistico de Cyriaco Cardozo.

Os versos!... Os versos devem ser de D. João da Camara.

Ora vejam:

UMA SALOIA

Dançar que a dança é descanço
Dá-se ao pé, descança a mão,
Dançar, cachopas, que eu danço,
Todas aqui dançarão.

CORO

Viva a folia,
Dançar! Dançar!
Haja alegria
A' beira mar.

UM PESCADOR

Para alem, fóra da barra,
Dançam as ondas do mar.
Vôa a galé quem a agarra
Sobre as ondas a dançar.

CORO

Viva a folia
Dançar! dançar!
Haja alegria
A' beira mar.

A SALOIA

Esta noite vi dançando
As estrellas pelo azul
E dançam as nuvens quando
Sopra rijo o vento sul

CORO

Viva a folia, etc.

....

Respira se em todo este acto o ar do sal marinho, picante, das praias de Portugal. Ha indolencia e ha vivacidade. Não ha crueza nem contrabando na phrase. Mas ressumbra do dialogo, da musica, do scenario, do *conjuncto* emfim, o quer que é, caracteristicamente meridional, como o effeito de uma *malagueña* ou o encanto de uma noite de *desfolhada* nas nossas provincias.

O prosador da peça, Gervasio Lobato, desenvolve o enredo com mão de mestre. A representação dos comicos em Paço d'Arcos, no terceiro acto, é magistralmente feita por Cinira e Lucinda. Que soberbos versos! como o talento ali é dispendido a mão prodiga! *Ariadna Taramella* e *Theseu Esfusioteo*, são os personagens. O effeito produzido no auditorio, se é de um comico irresistivel, nem por isso as gargalhadas impedem que uma salva atroadora de palmas demonstre a admiração que o desempenho e correctissima *dicção* de Lucinda e Cinira impõem aos ouvintes.

O episodio dos Sebastianistas é engraçadissimo!!

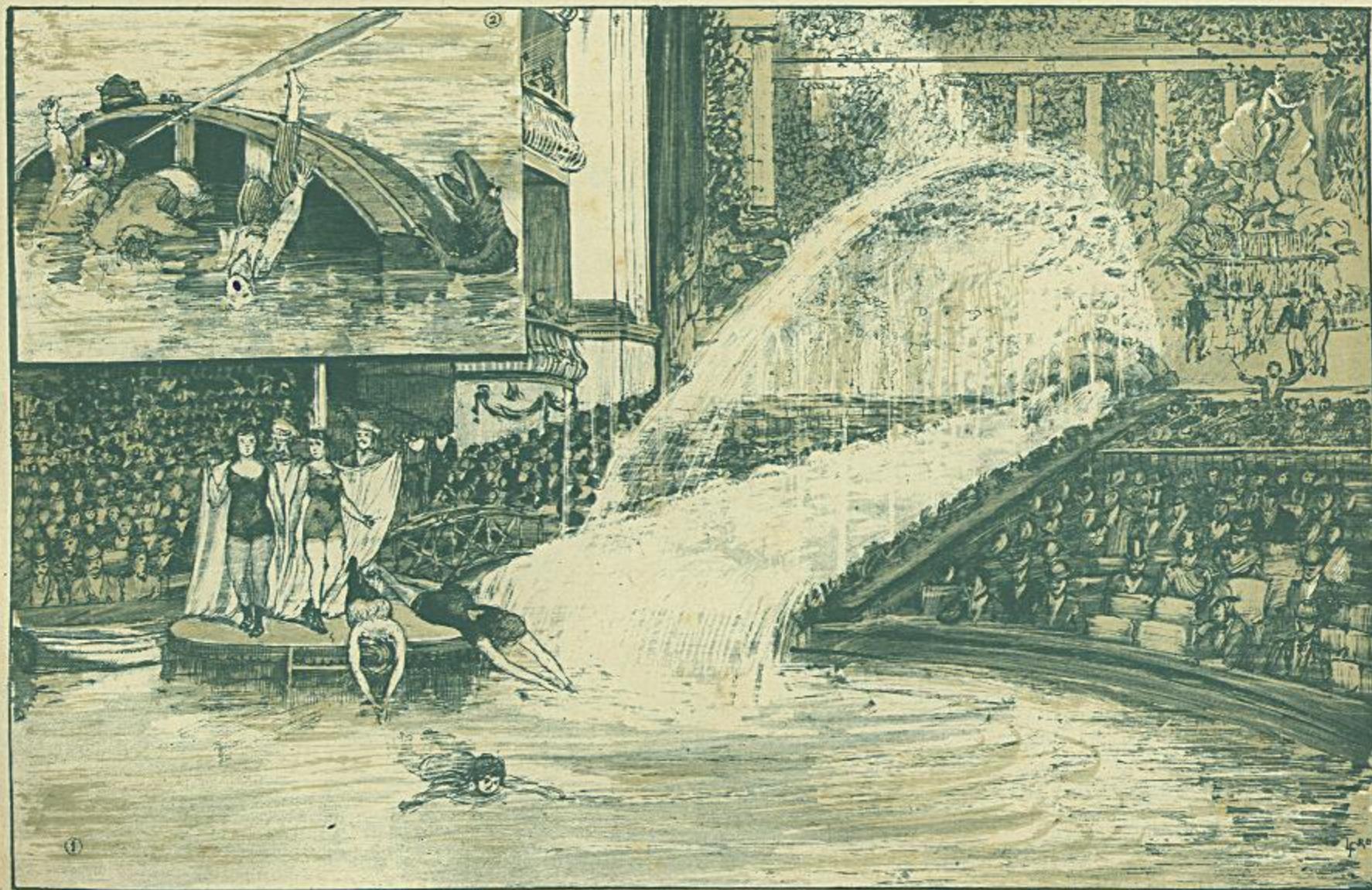
O burro do senhor Alcaide é tambem uma prova eloquente de que não precisamos de ir buscar nada ao extrangeiro. Ha cá em casa de tudo. Não faltam prosadores de cunho nem poetas de genio, nem inspirados maestros. Que apontem no re-

THEATRO DA AVENIDA

1 Maduro vae esperar El Rei D. Sebastião *(Valle)* — 2 A Sobrinha de Maduro e André *(Lucinda do Carmo* e *Cinira Polonio)*
3 Sebastianistas — 4 Maduro contando a morte do burro — 5 O Alcaide *(Joaquim Costa)* — 5 Affonsa, criada de Maduro *(Florentina Rodrigues)*
— 7 Segundo acto, 1.ª scena: Os descantes na praia de Oeiras

O BURRO DO SR. ALCAIDE

(Desenhos de Silva segundo photographias do Instituto Photographico)

COLYSEU DOS RECREIOS

1 Exercicios de natação pelas nadadoras Alice Sinclair, Dora May, Yvonne Mozoté, Dolores Laura e Leona Bonne — 2 Pesca das rãs e naufragio

A BODA PARISIENSE

(Desenho por L. Freire)

portorio extrangeiro musica mais encantadora *pal avras* mais engraçadas, mais rigorosamenie his toricas, deixem-me assim dizer; verso mais original, mais differente de tudo que não seja nosso?...

Alem d'isto a obra de Gervasio e D. João da Camara prova que, havendo verdadeiro talento, póde perfeitamente fazer-se uma comedia em trez actos e conservar o publico em constante hilaridade, sem um *double-sens*, sem uma phrase, uma palavra, que de leve ao menos fira o mais casto ouvido.

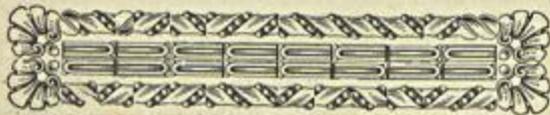
Hoje que em geral se não escreve para theatro senão com o proposito de ser ouvido por *cocottes* e *chulos*, causa um bem estar, um consolo de espirito, ouvir um trabalho tão completo, tão perfeito, como o que actualmente está em scena no theatro da Avenida.

Ouvindo, e basta uma simples audição, esta especie *de zarzuela* portugueza, fica-se muito mais patriota do que ouvindo os discursos dos nossos politicos, quer nos comicios quer nas camaras legislativas

Nos vinte e dois numeros de musica, de que se compõe o trabalho de Cyriaco Cardozo, ha como que a historia, instrumentada, de um povo que soube ser crente, alegre no perigo embora o espirito por vezes lhe propenda para essa melancholia propria dos que nasceram e vivem embalados pela grandiosa melopêa que só as ondas do mar sabem dizer.

Não podemos fechar esta simples noticia que acompanha as gravuras do OCCIDENTE sem acclamar de novo os patrioticos nomes de Cyriaco Cardozo, Gervasio Lobato e D. João da Camara, como os verdadeiros iniciadores de uma nova forma litteraria e artistica do sentimento portuguez.

Nós que sempre amámos o nosso paiz, estamos sempre enthusiasticamente ao lado dos que não lhe desejam o desapparecimento. E, sejam elles artistas, operarios, industriaes, commerciantes, litteratos ou poetas encontrar-nos-hão sempre ao seu lado, em tudo que seja para conservar querido e respeitado o nome de Portugal.

Manuel Barradas.

AS NOSSAS GRAVURAS

COLYSEO DOS RECREIOS

Este grande circo, inaugurado em Lisboa o anno passado, continua a ser um dos divertimentos mais concorridos do publico, graças á variedade de espectaculos que lhes offerece.

A mais attrahente novidade que apresentou este verão, são umas diversões no gosto das *Foliés Bergeres* de Paris, em que se representa uma pantomima, a *Boda Parisiense*, cujas principaes scenas são passadas n'agua, scenas de grande effeito comico-burlesco, com que o publico muito ri e applaude.

Para este espectaculo é a arena do circo transformada, á vista do publico, n'um grande lago que comporta 150:000 litros d'agua, que se dispenha d'uma cascata e o enche em menos de cinco minutos.

E' n'este lago que cinco esbeltas nadadoras, Alice Sinclair, Dora May, Yvonne Mazote, Dolores Laura e Leona Bonne, executam varios exercicios de natação exhibindo ao mesmo tempo a formosa plastica de que Deus as dotou

A nossa gravura representa o grande lago do Colyseu, no momento em que a agua se despenha em enormes catadupas e as gentes nadadoras executam os seus exercicios.

Para aquelles dos nossos leitores que não tenham assistido a este espectaculo, a nossa estampa dá-lhe uma idéa muito exacta d'elle, e só lhe não póde dar a frescura que se gosa no Colyseu dos Recreios n'estas noites calmosas que vamos atravessando.

O PRINCIPE ALBERTO

HERDEIRO DO TRONO DA BELGICA

A pag.as 43 e 44 do presente volume demos noticia do fallecimento do principe Balduino, herdeiro do throno da Belgica e o seu retrato.

A morte prematura d'este principe, fez passar o direito á corôa de Leopoldo II, ao principe Alberto filho segundo do conde de Flandres e irmão do fallecido.

O principe Alberto de Flandres completou 16 annos no dia 8 de abril d'este anno, e está, como o principe Balduino, recebendo a educação militar conforme o costume d aquelle reino.

Foi o proprio rei Leopoldo que apresentou seu sobrinho na Escola Militar determinando que elle siga o curso como qualquer particular. Assim será educado o futuro herdeiro do throno da Belgica de quem publicamos o retrato.

AS GUERRAS DA ZAMBEZIA

III

Tal era o aviltamento a que o dominio portuguez alli estava reduzido que este Bonga, que subiu, por assim dizermos, ao *throno* de seu pai, throno ensanguentado pelo morticinio de tantos soldados nossos, foi reconhecido como *soberano* de Massangano pelas authoridades portuguezas. Póde-se allegar que elle fez solemnemente a sua submissão, que veio a Tete reconhecer elle proprio as authoridades portuguezas, e que depois com frequencia alli voltou para baptisar filhos seus, de que eram padrinhos os governadores, na freguezia de S. Thiago Maior. Mas que provas de submissão deu elle? Como indemnisou as victimas dos seus roubos? Ninguem pensou n'isso, é claro; ficaram todos contentissimos com a esperança de paz, julgaram ter triumphado com a pacificação d'aquelle districto, e no auge do contentamento, em vez de fazerem sentir ao Bonga a authoridade de Portugal, não fizeram senão enchel-o de vaidade pela convicção que não tardou a ter, e justificadissima, de que todos o temiam, e todos se curvavam diante d'elle.

Julgam por isso os leitores que accusamos os officiaes que a isso se prestaram? Não de certo; pois o que haviam de fazer aquelles pobres governadores ultramarinos, sempre desajudados da metropole, com tropas mal armadas, mal sustentadas, e mal pagas, sem recursos de especie alguma? Haviam de procurar manter, por meios, conciliatorios, a paz na Zambezia, e para isso tratar o Bonga com as maximas attenções, e com o maximo cuidado. A Massangano foi o governador de Quilimane José de Azevedo Alpoim, a Massangano foi em 1860 o sr tenente-coronel Delphim de Oliveira, ainda hoje vivo, e el-rei de Portugal assignou o decreto que nomeava Antonio Vicente da Cruz, o *Bonga*, sargento-mór de milicias!

E, comtudo, o Bonga não tinha, ao que parece, a viva esperteza do pai. Embriagava-se com frequencia, era tristonho, verdadeiramente feroz, um simples selvagem mal desbastado pela civilisação. Suppunha-se de vez em quando victima de feitiços, e não hesitava em mandar cortar a cabeça as suas mulheres, e até, segundo parece, a sua propria mãe. Mas era temido, e isso bastava para que o governo portuguez entendesse que se lhe devia rojar aos pés, para obter, em troca d'essa humilhação aviltante, uma sombra de dominio n'essas vastas regiões da Zambezia!

Como se pode imaginar, esta paz ficticia não podia durar muito tempo.

Em 1865 teve o Bonga umas questões com um tal Agostinho Manuel Gomes, seu cunhado, por ser marido de uma irmã do potentado, a qual davam, como era de rigor, o tratamento de *dona*. Chamavam lhe a D. Maria de Maranjo, porque residia n'um prazo assim chamado, que fica na margem esquerda de Luenha, e na confluencia d'este rio com o Zambeze. Ou, por causa das suas dissidencias com o Bonga ou por qualquer outro motivo, este Gomes fôra residir para Tete.

Ora uma vez, indo um negociante indio, chamado Clementino de Sousa com o tal Gomes pelo Zambeze, teve de ficar na aringa de Massangano. E' claro que o cunhado do Bonga não desembarcou, mas o Bonga desconfiou que elle vinha. Perguntou ao Clementino, que lhe disse que não, mas o Bonga foi verificar, encontrou o cunhado escondido, e não só o maltratou, como espancou tambem o Clementino que lhe mentira. D'ahi um desejo de vingança, que se aninhou na alma do indio que deu origem a novas desgraças

Parece incrivel o que vamos dizer. Vemos que o governo portuguez procurára de todas as formas conciliar o Bonga, não hesitára em o nomear sargento-mór, fizera-o visitar pelos seus delegados mais importantes, e comtudo, quando o Clementino de Sousa, para se vingar, arrematou o imposto do mussuco em Massangano, concedeu-lh'o. Pois não sabiam os governadores de Tete que o Bonga era poderoso bastante para não querer pagar o imposto, se assim lhe désse na cabeça, e que de certo o não pagaria ao homem que elle esmagara? Já que se tinham sujeitado a tantas vergonhas, ao menos aproveitassem-n'as e não estragassem tudo com um acto d'esses, quando sabiam bem que não estavam habilitados para fazer cumprir as ordens e as determinações do governo.

Pensou-se em o obrigar, mas emfim predominaram opiniões prudentes, e nada se fez, mas o Bonga, desde o momento que entrára no caminho do rompimento com o governo, não parou. Comprou umas casas, não quiz pagar os direitos devidos por esse contracto. Como duas das suas mulheres qne elle queria matar por causa dos feitiços fugissem para Chingua, aldeia perto de Tete, foi a esta aldeia e incendiou-a.

Pareceu a todos impossivel tolerar-se por mais tempo semelhante insolencia, e o commandante de Tete, Miguel Ignacio Gouveia, marchou contra Massangano com todas as forças que póde reunir. Usando de um estratagema proprio de povos primitivos, e que só podia enganar officiaes sem a minima instrucção militar, o Bonga abandonou a aringa, de que os de Tete tomaram posse com grande alvoroço e alegria, festejando a sua victoria incruenta com grande comezaina a bebedeira. Escusamos de dizer que d'ahi a pouco entrava o Bonga na aringa com 200 pretos, que Miguel Ignacio Gouveia ainda tomou por pretos alliados, e que fizeram uma horrorosa carnificina nos suppostos vencedores Eterno systema de emboscadas empregado por todos os povos selvagens, e que falham sempre quando os officiaes europeus, conhecedores do seu officio e da historia militar, sabem desconfiar d'estas inverosimeis facilidades, e acautellar-se tanto mais quanto mais rapida é a supposta victoria! O pobre tenente Gouveia expiou amargamente a sua ignorancia. Viu os seus soldados e officiaes trucidados á faca e á machadinha, e soffreu tormentos atrozes, reservado para mais requintada vingança, pelo Bonga, que era seu compadre, e que o matou lentamente, dançando emtorno da sua victima, crivada de golpes, mutilada, horrorosa, que expirou cruelmente no meio d'aquella scena de uma selvajaria inaudita!

Passava-se isto em 1867, em 1868 soffreu nova derrota a expedição do major Guilherme de Portugal e Vascondellos, cuja cabeça foi um dos hediondos tropheus que adornaram os paus da aringa de Massangano. Em 1869 nova expedição commandada pelo major Oliveira Queiroz, que escapou de um desastre igual retirando a tempo e finalmente n'esse mesmo anno o ultimo desastre e o maior de todos: o desastre soffrido pela expedição organisada com grande apparato em Portugal, mas organisada tambem com a mais completa insensatez, expedição commandada por Antonio Tavares de Almeida, cujos soldados, cujos officiaes ou morreram victimas do clima, da fome e da imprevidencia ou foram cruelmente trucidados pelos negros no seu infeliz ataque á aringa de Massangano! Conheci pessoalmente um d'esses pobres officiaes, o capitão Antonio Cardoso, que foi morto a machado — n.º 12 do Collegio Militar. Lembro-me d'elle como se o estivesse vendo agora, pequeno, de olhar vivissimo, intrepido como poucos, o typo genuino do soldado portuguez, d'aquelles caçadores que em S. Sebastião corriam ao assalto entre os applausos dos inglezes! Pobre Cardoso, cepaz de acções heroicas, que heroicamente morreu, victima da criminosa imprevidencia dos governos, que davam a estes officiaes a escoria dos soldados da metropole, e que mandavam um acervo de elementos disparatados, como holocausto, ao Bonga!

Depois d'esta derrota, como depois da derrota infligida pelo Inhaúde, vieram as mesmas vergonhosas conciliações. Officiaes portuguezes, sacerdotes portuguezes foram ser hospedes do Bonga na propria aringa em cujos paus encontraram, a saúdal-os lugubremente, as cabeças dos seus camaradas e patricios! Lá foram os dois governadores de Tete, Manoel Nicolau Pontes de Athaide e Azevedo, e Carlos Pedro Barahona e Costa, o major Conceição, o prelado de Moçambique, D. José Antonio Gonçalves! Vergonha suprema! cumulo das humilhações a que pode sujeitar-se um povo, cujos governos pensam em tudo menos em governar!

O governador Barahona fez um tratado com o Bonga, que foi muito applaudido, e que valeu ao seu author o habito da Torre e Espada! O sr. Castilho não concorda com a opinião dos governos d'esse tempo, e acha que esse accordo, pelo qual o Bonga se compromettia a entregar as peças que tomou e que não entregou, as cabeças dos portuguezes, que eram o horrivel tropheu da sua aringa, e que foram entregues effectivamente, não foi senão uma nova humilhação do governo, muito imperfeitamente disfarçada. Movido por um nobilissimo sentimento veiu o filho do sr. Barahona á imprensa refutar as apreciações do sr. Castilho; este em replica manteve o que dissera. Que o go-

vernador de Tete, Barahona, não podesse obter coisa melhor na situação desgraçada do districto e da provincia, de accordo; que prestou um serviço conseguindo que o Bonga tirasse dos paus da sua aringa o odioso tropheu das cabeças portuguezas, é certo; que essa concessão fosse considerada um triumpho, é triste.

Como o nhaúde morreu socegadamente em sua casa por 1856, assim morreu socegadamente na sua casa em 1877 o Bonga vencedor de umas poucas de expedições portuguezas.

Temos seguido passo a passo o sr. Augusto de Castilho na sua interessantissima narrativa; mas temos agora novos elementos para a completar, e que o proprio conselheiro Castilho nos facultou. O sr. Delphim de Oliveira, que representou um papel importante e honroso n'alguns d'estes acontecimentos, communicou-lhe alguns documentos, e deu-lhe algumas informações que elucidam immensamente a narrativa. Teve o sr. Castilho a amabilidade de nos mostrar esses novos elementos que elle já não pode aproveitar; vamos aproveital-os nós.

Pinheiro Chagas.

A HERANÇA DO BASTARDO

Romance original

XV

Soror Maria Paula

N'essa mesma noite, depois das nove horas, Fernando e Luiz estavam reunidos na bibliotheca de Gustavo Telles.

O pae de Fernando tinha-se recolhido havia muito.

O novo ataque de gotta aggravara-lhe havia tres dias o estado já melindroso da sua saude, porem, elle que era d'aquelles que só vão á cama na ultima extremidade, cortia, como se costuma a dizer, a sua doença de pé.

Fernando estivera toda a tarde junto de seu pae, mas apenas Luiz chegou de volta de umas novas indagações que fora colher, não poude conter mais a sua impaciencia, foi ao quarto buscar os papeis que Soror Maria Paula lhe confiara e foi com Luiz para o escriptorio de seu pae.

Que lhe iriam elles revelar a respeito do passado de Claudio de Castro?

Para Fernando e Luiz já não existia duvida de que o morgado de Louredo fora o perpetrador da tentativa de assassinato na pessoa de Anna da Soledade.

Quem mais tinha interesse na sua morte?

As provas do crime passado acabariam de justificar a accusação da superiora sobre o crime que se impotava agora ao morgado?

E o desejo de apurar bem a verdade para depois entregar o assassino á acção da justiça, e desmascaral-o d'uma vez, para que no futuro ficasse limpo de toda a mancha o procedimento da que deveria um dia ser esposa do seu amigo, levou-o a rasgar febrilmente o involucro lacrado de preto.

— Rasguemos o veu do passado e entremos na posse de mais este segredo, que as grossas paredes d'um convento por tantos annos guardaram do mundo.

— Comecemos, tenho anciedade de saber tudo, acrescentou Luiz. Com as provas de tal crime havemos de obrigar esse infame Claudio de Castro a confessar a tentativa de assassinato de sua mulher, e talvez pelo medo da forca a restituir-lhe os bens que lhe extorquiu.

Fernando começou a analyse dos papeis. N'elles se encontrava certificado, com toda a authenticidade o nascimento de Thereza Leite, em Evora, no dia 16 de março de 1758 e que era filha de Pereira Leite, e de Luciana Affonso Leite. Depois junto a este registro do seu baptismo Soror Maria Paula juntara algumas folhas de papel manuscriptas, que o tempo não respeitara completamente, porque havia pontos em que as palavras se tornavam illegiveis.

Ainda assim Fernando Teiles conseguiu ler o seguinte:

—«Emprehendo escrever estas recordações do meu passado porque exprimem um desabafo á alma opressa pelo remorso.

«Não desejo que ellas sirvam de prova para a justiça proceder contra o auctor de todos os meus infortunios e do crime que encontrarão narrado. Ao envergar os habitos de religiosa não só lhe perdoei tudo, como tudo esqueci.

«D'esse dia em diante Soror Maria Paula nada tem de commum com Thereza Leite!

—A superiora! Era ella! Exclamaram os dois amigos olhando-se cheios de surpreza.

— Não me enganavam os meus presentimentos, adiantou Luiz. D'esde que soube que essa mulher se interessara tanto pelo desapparecimento de meu filho, que tive a aprehensão de que entre Soror Maria Paula e o morgado de Louredo havia uma ligação qualquer.

Fernando continuou.

«Nasci de paes illustres como se verá pela certidão do meu baptismo, e fui educada com o maior esmero e o mais miticuloso recato por minha tia D. Thereza Affonso, então priorêsa d'um convento de religiosas em Evora.

«Ao completar dezeseis annos meu pae mandou-me buscar para sua companhia de ao pé de quem nunca mais sahi.

«Lembro-me que era cheio de orgulho que elle me apresentava em casa de todas as pessoas de suas relações, as familias mais distinctas de todo o Alemtejo.

«Ensinando-me a montar a cavallo e a servir-me de armas de fogo, meu pae levava-me muitos dias na sua companhia á caça, e faziamos, não só demoradas digressões pelos arredores da cidade, como emprehendiamos viagens demoradas de dois e tres dias visitando ora Moura e Portel, ora Serpa e Beja. Foi por uma d'essas occasiões que fomos a Louredo, onde era o solar do morgado, velho amigo de meu pae e no qual a seus instantes rogos nos demoramos alguns dias.

«O morgado tinha um filho chamado Claudio. Era um rapaz elegante, vestindo com distincção, maneiras proprias a captivar, olhar imsinuante, phrase fluente, rosto expressivo e sympathico, um homem com todos os attractivos para despertar o enthusiasmo no coração d'uma donzella inexperiente.

«Tal foi a impressão que Claudio me produziu.

«Elle voltava de Paris eu do convento; tinha mais de trinta e cinco annos, eu dezenove incompletos; por isso, facil lhe foi captivar o meu espirito, a ponto de, quando nos retirarmos parecermos já duas pessoas affeiçoadas de muitos annos

«Claudio prometteu-me que havia de arranjar meio de ir a Evora dentro de poucos mezes para nos tornarmos a ver.

«Effectivamente não faltou.

«Um domingo, ao entrar com meus paes na Sé de Evora, onde costumava-mos ouvir missa, deparei com Claudio, que junto da teia, nos esperava para offerecer a agua benta.

«Foi indiscriptivel a alegria que experimentei n'esse momento ao tornal-o a ver.

«Claudio contou a meu pae, que tendo chegado a Evora, de madrugada, esperava hora mais apropriada de o procurar em casa para lhe entregar uma carta do morgado em que lhe fallava do proposito em que estava de vender uma propriedade que tinha n'aquella cidade e que elle em tempo mostrara desejos de possuir.

«Meu pae recebeu o filho do seu amigo com toda a urbanidade e disse-lhe que o esperava para almoçar e que levasse a bagagem para sua casa, porque desejava que elle estivesse alguns dias em Evora afim de visitar a cidade e ao mesmo tempo dar-lhe ensejo de poder apreciar maduramente a proposta que lhe fazia o seu amigo.

«Claudio annuiu, e n'essa noite partiu um dos nossos criados para Louredo com uma carta em que lhe participava que seu filho havia chegado bom e que se demoraria alguns dias em nossa companhia.

«Reataram-se portanto as nossas relações, que se tornaram mais intimas, quanto havia sido longo o tempo em que já nos não viamos.

«Meus paes deixavam-me inteira liberdade junto de Claudio.

«Confiavam-me aos seus sentimentos fidalgos, que diziam, devia tel-os por herança de seu pae visto ser o velho morgado um dos mais distinctos descendentes da antiga nobreza de Portugal.

«A convivencia estabeleceu a confiança. Faziamos longos passeios a cavallo pelas mattas proximas, correndo muitas horas a galope pelas extensas ruas copadas de arvoredo silvestre, e onde a custo entravam os raios de sol.

«Uma tarde ao atravessarmos a clareira de um bosque, onde nos iamos a internar, saltou á nossa frente um javali. Claudio deitou o cavallo a galope em sua perseguição e ao passar perto d'elle desfechou a caçadeira.

«A balla atravessou uma espadua da fera, que cambaleou soltando furiosos grunhidos de dor caindo sobre as patas trazeiras.

«Claudio sopeia o cavallo, apeia-se, tira da cinta a sua faca de matto e corre para o animal.

«Eu havia chegado n'aquelle momento e ia presenciar a lucta, tremula de susto.

«Claudio procura o corpo do javali para lhe enterrar a faca em sitio que a morte seja instantanea, porem ao vel-o aproximar, a féra ergue-se n'um supremo esforço e lança o seu contendor por terra.

«Então, fóra de mim, tremendo pela sua existencia armo a caçadeira dou ao gatilho e faço fogo. Erro o primeiro tiro mas o segundo alcança o animal e varo-lhe o pescoço. Não o crendo ainda bem morto desfecho pela terceira vez e firo Claudio n'um braço, quando conseguia levantar-se, liberto da pressão esmagadora da fera, depois de lhe cravar a faca no coração.

«Ao seu grito de dor responde a minha exclamação de espanto, mas Claudio, para me animar salta para o seu cavallo e retomamos o caminho de casa.

«Comprehendi que supportava as dores mais crueis só para me não affligir, porque quando chegámos foi preciso dois criados virem ajudal-o a desmontar. O braço hirto não lhe deixava liberdade ao mais pequeno movimento.

«Corri immediatamente a participar tudo a meu pae, que mandou em seguida providenciar para que a bala lhe fosse extrahida.

«Pedi-lhe que me deixasse ser a enfermeira de Claudio para poder de alguma maneira compensar o mal que havia feito. Vendo-me tão contristada accedeu.

«Claudio esteve tres dias preza de febre e de delirio, e durante elles é por minhas mãos que recebe os remedios e toma os poucos alimentos, mas ao quarto dia estabelecem-se as melhoras e ao decimo o medico declara-o em via de restabelecimento.

«Minha mãe e eu passámos ainda longas horas junto do seu leito, até que Claudio teve ordem de sair do quarto e então pude mais em liberdade encontrar-me a sós com elle e formular as minhas desculpas de ter sido causadora de tanto mal

«Quando conclui Claudio tinha as minhas mãos enlançadas nas suas e fitava-me de uma maneira extranha.

«A' tarde havia-se succedido a noite a sala onde nos encontravamos estava completamente deserta.

«Procurei fugir-lhe não pude, precisei fallar fal-tou-me a voz.

«Não sei que se passava no meu espirito de inebriente, de extraordinario.

«Ouvi a voz de meu pae que dava fora algumas ordens a um creado e então voltei a mim, soltei-me dos braços de Claudio e fugi para o meu quarto.

«N'essa noite pretestei um ligeiro incommodo para não me encontrar á ceia na presença de meus paes e de Claudio.

«Que crime havia eu commettido?

«Dias depois Claudio retirava-se para Louredo levando uma carta de meu pae para o morgado, onde francamente confessava que o estado de sua fortuna não lhe permittia fazer agora a compra da propriedade que em tempo tanto interesse mostrava em possuir.

«Ou fosse esta confissão implicita da nossa decadencia, ou porque Claudio apenas achara em mim um d'esses passatempos de momento que gozados uma vez se não procuram mais, o que é certo é que nunca mais voltou a Evora nem sequer procurou meio de se corresponder commigo.

«Não tardou que se tornasse impossivel occultar a meu pae o estado da minha proxima maternidade. Obrigou-me a confessar-lhe tudo, chorei muito e foi por entre soluços que lhe expuz claramente a minha vergonhosa situação

«A colera apossou-se então de meu pae com tal violencia que o vi cahir a meus pés instantaneamente fulminado.

«Victimara-o uma congestão cerebral, e d'ali a dois mezes incompletos minha mãe succumbia ferida pela perda do marido e da minha honra.

«Sem bens de fortuna vivi algum tempo de vender os objectos de valor que me tinham tocado em tão fatal herança, até que fui obrigada a recorrer a minha tia, que me não quiz receber no convento, vendo-me então compellida a alugar uma casa mais modesta e a trabalhar para comer.

«Escrevi ao morgado de Louredo, depois de haver escripto inutilmente a seu filho lembrando-lhe os seus deveres de homem e de fidalgo.

«Mas o morgado foi como Claudio indifferente ás minhas queixas, ás minhas lagrimas de mãe.

«Passaram assim alguns annos. Eu havia tido um filhinho. Resumia n'elle toda a minha alegria todas as minhas esperanças.

— «Se Claudio um dia aqui vier e o vir, não quererá decerto separar-se mais d'elle dizia eu commigo, e por sua causa reparará o erro commettido.

«Mas de repente adoeceu d'uma angina e a morte veiu arrancar-m'o brutalmente dos braços.

«Chorei muito e tanto que ia cegando. O tempo que apaga tudo, trouxe-me a resignação e todo o passado ia esquecendo pouco a pouco.

«Subitamente, no dia 15 de agosto de 1785 apparece Claudio em Evora. Indagando onde morava foi a minha casa. Procurei negar-me respondendo de dentro que a filha de Pereira Leite não residia ali, mas Claudio reconheceu-me a voz, instou e eu não tive remedio senão recebel-o.

«O soffrimento havia produzido em mim grandes mudanças. Vi Claudio experimentar essa desagradavel surpreza. Eu já não era a mesma de outro tempo. A minha elegancia fugira debaixo de uns vestidos ordinarios e mal talhados que a necessidade me obrigou a envergar. A saudade dos que perdera e o remorso de ter sido a causa da morte demeus paes, haviam-me começado já a lançar rugas n'esse rosto tão elogiado dos homens e tão invejado das mulheres.

«Esperava ver Claudio cheio de arrependimento vir pedir-me perdão mas ao contrario, estava na minha presença cynico, indifferente, sorrindo desdenhoso de me ver tão aviltada.

«Então a indignação accende os meus brios de mulher e de mãe. A memoria d'essa creança sobretudo dá-me inspiração. Esbofeteio esse miseravel com insultos, lanço á sua culpa a minha miseria, a minha desgraça e quasi sinto vacillar a razão quando Claudio me responde, que me procurava para me offerecer uma reparação condigna, porque a morte de seu pae o deixára na posse de uma avultada fortuna.

«Ordeno lhe que saia, e invoco a memoria santa de meus paes e do meu filho que elle macula n'aquella casa com a sua presença. Vejo então crusar no ar a lamina d'um punhal e caio gravemente ferida.

. . . .

«Quando tornei a mim estava no hospital e a minha fraqueza accusava um tal receio pela minha vida, que o medico aconselhou á enfermeira que chamassem quanto antes um padre para me confessar.

«N'essa occasião entendi dever fazer-lhe um pedido. A nossa religião manda que cousa alguma se negue em artigo de morte. Pedia para entrar para um convento se acaso ainda me fosse concedido viver.

«O frade interessou se pela minha supplica, e em janeiro de 1786 tomava o habito de noviça.

«De Claudio estive muitos annos sem ouvir fallar. Voltara a França onde se demorou oito annos regressando a Louredo exhausto de saude e de fortuna.

«Estava completamente arruinado.

Faltavam para completar esta narração veridica algumas linhas que o tempo se encarregára de apagar.

Provavelmente o nome do convento para que Thereza Leite entrára, a ordem a que pertencia e a data da sua profissão.

Fernando diligenciou decifrar n'aquelles caracteres sumidos as palavras de que ellas poderiam fazer parte, mas todo o trabalho foi infructifero.

Luiz dissuadiu-o de teimar.

— Por ventura não temos todos os promenores da vida d'essa outra victima de Claudio de Castro? Que mais nos podem adiantar as poucas linhas que o tempo fez desapparecer? Sim, eis-ahi porque essa mulher procurava meu filho; sabedora de mais um crime d'esse homem queria evitar que elle se consummasse, para que não soffresse maior castigo n'essa outra vida em que só é dado accreditar áquelles que vivem fora d'esses dois grandes fócos de luz — a sciencia e a civilisação.

— Fallemos agora de teu filho!

(Continua). *Julio Rocha.*

REVISTA POLITICA

Se encararmos sob o ponto de vista politico a viagem que o chefe do Estado acaba de fazer á Beira Baixa para inaugurar o Caminho de Ferro da Covilhã e Castello Branco, é este o facto politico mais importante que temos a noticiar, e digasse em boa verdade. mais que politico, da politica que por cá se usa, a manifestação de uma força nacional, uma força que em tão pouca conta tem sido tida n'este paiz de funccionarios officiaes, e que no entanto é a força em que se firmam as nacionalidades mais cultas, a que dá importancia a um povo, a que lhe garante a sua authonomia, a de que promanam todas as riquezas, a grande força da industria.

Dissemos que esta força tem sido tida em pouca conta entre nós, e dissemos uma verdade, porque quando outros factos o não estivessem a provar em cada hora, bastava a inauguração da linha ferrea a que acabamos de assistir, para o provar.

Quando o paiz está todo cruzado de caminhos de ferro, a maior parte d'elles seguindo directrizes que obdeceram muito mais ás conveniencias de influentes eleitoraes e negociatas que todos sabem. Quando ha trinta annos se andam construindo as vias ferreas em Portugal, só em 1891 a Covilhã, a terra mais fabril do paiz, a Manchester

O PRINCIPE ALBERTO DE FLANDRES

HERDEIRO DO THRONO DA BELGICA

portugueza, internada no centro da Beira, é que conseguiu ter um caminho de ferro para dar rapida e facil sahida aos seus productos, para lhe estabelecer, emfim, communicações mais directas com os principaes centros de commercio do paiz, onde tanto tem que colocar as suas manufacturas como adquirir as materias primas de que carece em maior abundancia, para essas mesmas manufacturas.

Esta demora em servir a Covilhã não sabemos se seria devida á sua propria riqueza, que lhe dá certa independencia dos corrilhos politicos, fazendo-a pensar muito mais na sua laboriosa industria do que nas influencias eleitoraes que para tantos são o pão nosso de cada dia.

E' assim que nós ambicionava-mos vêr todas as terras do nosso querido Portugal, impondo se pelas suas industrias, concorrendo para a riqueza da patria, gozando da felicidade que se observa no povo covilhense, essa felicidade que todos que foram aquelle grande centro industrial poderam apreciar, e que se traduzia nas manifestações festivas e expontaneas com que receberam os monarchas, que pela primeira vez viam na sua terra.

Aquellas manifestações tão expontaneas, tão sãs, deixem-nos assim dizer, feitas a El-rei D. Carlos e a sua augusta esposa, foram de uma alta significação, no meio da descrença, da falta de convicções politicas em que se está vivendo nas cidades, prevertidas por mal cabidas ambições, eivadas de parasitas, arrastadas pelos vicios que tudo consomem, o corpo e a alma.

Ali sim, n'aquelle grande centro de trabalho vive a alma de um povo são. Respira-se outro ar, sentem-se outras forças; e n'aquelle meio, quando se avista o valle povoado de fabricas onde labutam milhares de operarios, o nosso coração rejubila e não podemos deixar de exclamar que: não está inda tudo perdido n'este paiz, o que é preciso é trabalhar como aquelles trabalham, está n'isso o verdadeiro patriotismo, o futuro desafogado, a nossa authonomia garantida.

Não podia vir mais de mo de a inauguração d'este caminho de ferro que veio por em evidencia aquelle grande centro industrial, no momento em que mais se falla e pensa na protecção á industria portugueza.

Para aquelles que não acreditam na industria do paiz, tiveram occasião de vêr, com seus proprios olhos, manufacturas de tecidos de lã nacionaes que até aqui desconheciam ou tinham por estrangeiros, e estamos certos que para o proprio chefe do Estado foram verdadeiras revelações o que ali foi vêr. Isto se depreende das suas palavras quando disse:

-- Em breve voltarei á Covilhã vestido com o panno d'estas fabricas.

Este exemplo do monarcha será o maior incitivo para o desenvolvimento da industria nacional, porque acabará com esse desdem que ha por tudo quanto é producção nossa.

Quando Permantier descobrio a cultura da batatta como alimento de grande utilidade, chegaram a accusal-o de envenenador. Permantier pediu protecção ao rei para as suas batattas e o rei appareceu um dia na côrte com um ramo de flores d'aquelle tuberculo ao peito.

No dia seguinte toda a corte usava flores de batata na sua *botonier* e d'ali a pouco em vez das flores comia o saboroso e nutriente tubercolo. Estava salvo Permantier e as suas batatas.

O mesmo diremos da industria portugueza. O exemplo do chefe do Estado, é o meio mais poderoso para fazer triumphar o trabalho nacional, e já que estamos em maré de contar historias lá vae outra para concluir.

No tempo do marquez de Pombal, um pobre fabricante de chapeus cahiu em grande infortunio por falta de consumidores á sua industria.

O bom do homem matutou sobre o que havia de fazer á sua vida, até que se lembrou de ir pedir um emprego ao ministro de D. José I.

Este ouviu-lhe a pretenção e por fim limitou-se a dizer ao fabricante de chapeus, que não tinha emprego para lhe dar, mas que fizesse elle um chapeu de feitio desusado e lh'o trouxesse.

O chapeleiro, muito desconsulado com a resposta, foi-se para casa a pensar no chapeu que havia de fazer.

Ao cabo de alguns dias conseguiu fabricar um chapeu de novo modelo, e levou-o ao marquez.

— Está bem disse-lhe este, vae para casa fazer mais que eu respondo por todos, mas põe-nos bem á vista na tua loja.

N'aquelle dia o ministro de El-Rei D. José I sahiu com o chapeu novo e d'ali a poucos dias o fabricante de chapeus não tinha mãos a medir, fazendo boa fortuna.

Applique-se a historia.

João Verdades.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43